

O RETORNO DO ESPÍRITO DIONISIÁCO NA SELVA DE PEDRA: intervenções báquicas na rua, no jogo, na festa e na política contra a vida administrada

Renato Nunes Bittencourt¹

RESUMO: Neste artigo analisamos a importância do espírito dionisíaco como paradigma ético da imanência e sua inerente influência na formação do pensamento trágico, desde o mundo grego antigo até a nova configuração que lhe foi proporcionada por Nietzsche e por Michel Maffesoli no decorrer da Modernidade e seu processo de constituição axiológica.

Palavras-chave: Dionisíaco; Trágico; Imanência; Cotidiano.

ABSTRACT: in this article we analyze the importance of Dionysian spirit as ethical paradigm of immanence and their inherent influence on formation of thought tragic, since the ancient Greek world until the new setting which was provided by Nietzsche and by Michel Maffesoli in the course of modernity and its axiological constitution process.

Keywords: Dionysian; Tragic; Immanence; Everyday.

A desordem portadora de uma infinidade de possíveis de uma inesgotável fecundidade, é geradora da própria ordem; faz desta um acidente, um acontecimento (BALANDIER, 1997, p. 47).

Nota Prévia: Este artigo é fruto dos estudos realizados na linha de pesquisa Estudos Contemporâneos em Comunicação – Práticas discursivas e construção identitária na mídia desenvolvido na FACULDADE CCAA.

INTRODUÇÃO

A experiência trágica dos gregos antigos, fundamentada na noção de que a potência criadora da vida envolve a morte, a finitude, em suma, a dissolução inexorável de toda forma consolidada, representa a perspectiva ética que compreendia a contingência da existência como uma condição indissociável de todas as coisas. O trágico suprime qualquer dualismo metafísico ou oposições

¹ Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ. Professor do Curso de Especialização em Pesquisa de Mercado e Opinião da UERJ. Professor do da Faculdade CCAA e da Faculdade Duque de Caxias-UNIESP. E-mail: renatonunesbittencourt@gmail.com

incondicionais entre instâncias ontológicas ou princípios cosmológicos, pois associa intrinsecamente em seu jogo de forças a criação e a destruição dos elementos constituintes das formas de vida, para além das categorias morais de bem e de mal. Tal visão de mundo é aterradora para toda consciência fundamentada justamente no sectarismo moralista que pressupõe a divisão radical entre bem e mal, verdade e mentira, luz e trevas, certo e errado, ordem e caos. Todas as coisas estão intrinsecamente misturadas e qualquer projeto que vise estabelecer cisões radicais naquilo que denominamos realidade atenta contra o caráter criador da mesma, que pressupõe justamente o choque dos opostos como instância proporcionadora da perpetuação da vida.

Nietzsche é um dos grandes filósofos que, no auge da Modernidade, ousou instaurar uma revitalização do pensamento trágico em uma época histórica marcada justamente pela crença no poder do progresso como fundamento de aprimoramento contínuo da condição humana. Analisando a vivência dionisíaca dos antigos gregos e influenciado pelo pensamento de Heráclito de Éfeso, Nietzsche encontra subsídios míticos, religiosos, culturais e ontológicos para a fundamentação dessa revitalização do espírito trágico na cultura moderna. Contra toda pretensão racionalista-técnica de se afirmar a ciência pura como caminho de salvação laica do homem, Nietzsche postula o pensamento trágico fundamentado na crítica das noções cristalizadas de verdade, bem, ordem, conceitos arraigados de conotações moralistas e metafísicas que impedem a ampla compreensão do caráter imanente da realidade. Dentre tantos pensadores influenciados pela teoria nietzschiana, Michel Maffesoli desponta como um continuador do espírito trágico em tempos marcados pela ruptura com o projeto filosófico da Modernidade, a contestação de toda ordem social, política e econômica vigente, assim como pela busca de alternativas ao modelo civilizatório imposto pelo regime capitalista de produção e exploração da vida humana e dos recursos naturais mediante dispositivos predatórios que visam justamente aniquilar a intensidade dionisíaca da existência.

O TRÁGICO DIONÍSIACO

A experiência dionisiaca adentra no antigo mundo grego como uma celebração religiosa regida pelos signos da alteridade, pois representava a manifestação dos caracteres de todos os grupos sociais excluídos da participação na vida pública grega, patriarcalista e fundamentada sob os rígidos imperativos éticos da visão de mundo apolínea, caucionária da moderação, da clareza, da sensatez. Eurípidés, nas *Bacantes*, apresenta dramaticamente a intrusão do espírito dionisiaco no mundo grego:

Estou aqui, chegando à terra dos tebanos, / eu, o próprio Dionísio, / filho de Zeus, / que há muitos anos a filha do antigo Cadmo, / Sêmele, trouxe ao mundo graças ao fulgor / de um divino relâmpago vindo das nuvens. / Tomei a forma humana para freqüentar / as nascentes de Dirce as águas do Ismeno. / Já posso ver junto ao palácio a sepultura / de minha mãe – pobre Sêmele! – fulminada / por um raio e as ruínas de sua morada / ainda fumegantes do fogo de Zeus, / testemunho perene da vingança de Hera / e um violento insulto à minha amada mãe. / é meu dever também agradecer a Cadmo / por haver feito deste solo, inviolável / aos passos dos mortais, o altar de sua filha, / que vim cercar de videiras cheias de uvas. / Cruzei a Lídia e sua terra aurífera / e as planícies da Frígia e viajei / para os ensolarados planaltos da Pérsia, / e a Bactriana com suas muitas cidades / bem defendidas por muralhas altaneiras, / e a Média, gelada durante o inverno, / e até o extremo da Arábia Feliz, / e toda a Ásia, enfim, cujo limite / são as ondas salgadas, com suas cidades / cercadas por belas muralhas, onde os gregos / se misturam com diversas raças bárbaras. / A primeira cidade grega que eu visito / é esta aqui. Em muitas regiões distantes / organizei meus coros, implantei meus ritos, para manifestar-me aos homens como um deus. / A minha preferida entre as cidades gregas / é Tebas, onde já se ouviram meus clamores. / As mulheres tebanas, mais fiéis a mim, / já se dispõem a vestir peles de corças, / e pus em suas mãos o tirsó, este dardo / ornado com ramos de hera sempre verdes (EURÍPIDES, *As Bacantes*, vs. 1-38).

As mulheres, tradicionalmente excluídas das deliberações públicas da sociedade grega, conquistavam insólita proeminência nas celebrações dionisiacas. As barreiras sociais impostas pela organização civilizada dominada pelas valorizações masculinas, que leva em conta o destaque dos indivíduos mais proeminentes, são radicalmente dissolvidas no culto dionisiaco. A organização viril do apolinismo temia essa efervescência dos ritos báquicos justamente pela

iminência das mulheres subverterem as bases do poder estabelecido. Como uma maneira de transformar a axiologia patriarcalista apolínea, as disposições menádicas expressadas pelo culto dionisíaco realizam um jogo simbólico de reviravolta dos costumes cotidianos, esclerosados pela rigidez masculina incapaz de aceitar a transformação, a flexibilidade, a desmedida. O dionisismo é talvez a expressão por excelência de um nível de poderio matriarcal que recolhe a sua capacidade assimiladora de um período histórico em que a figura da mulher possuía ainda a sua força simbólica de ser vinculado ao terreno, ao órgão primordial da terra. O núcleo vital da terra encontra expressão imediata no ventre materno, pois de ambos brota a expressão da vida em sua mais rica profusão, manifestando sempre o instante mágico da singularidade, pois uma vez que todo vivente, ao se individualizar na configuração extensiva, representa sempre uma nova parcela da grande vida cósmica, que jamais repete uma figuração. A singularidade é soberana no engendramento da vida promovida pela natureza.

Extasiados pelo canto e pela dança, os adeptos do culto dionisíaco se integravam numa grande celebração onde não havia mais a valorização da hierarquia social estabelecida imperiosamente pela dura lei do Estado apolíneo. A sobriedade olímpica imputava o delírio dionisíaco como um sinal de degenerescência ética e espiritual, contudo a vitalidade báquica não se deixou vencer por essa estigmatização, ao encarnar o princípio axiológico de que o delírio não pode ser sinal de doença, mas sim de vitalidade criadora que liberta a individuação de todo aprisionamento existencial. O rito dionisíaco propunha a integração imediata entre todas as formas de vida, através da descoberta da existência da relação de alteridade entre os seres humanos, fundamento esquecido no decorrer da vida cotidiana da sociedade apolínea, mantenedora do distanciamento sectário entre o “eu” e o “outro”. O dionisismo celebrava uma violenta ruptura com essa instituição social, pois nessa concepção báquica é através da *hybris*, da desmedida, do excesso e da supressão das normas vigentes que se pode alcançar o estado máximo de alegria. Nietzsche, ao interpretar essa experiência sagrada da imanência, afirma que

Sob a magia do dionisíaco torna a selar-se não apenas o laço de pessoa a pessoa, mas também a natureza alheada, inamistosa ou subjugada volta a celebrar a festa de reconciliação com seu filho
vol. 4, num. 11, 2014

perdido, o homem. Espontaneamente oferece a terra as suas dádivas e pacificamente se achegam as feras da montanha e do deserto. O carro de Dionísio está coberto de flores e grinaldas: sob o seu jugo avançam o tigre e a pantera. Se se transmuta em pintura o jubiloso hino beethoveniano à “Alegria” e se não se refreia a força de imaginação, quando milhões de seres frementes se espojam no pó, então é possível acercar-se do dionisiaco. Agora o escravo é homem livre, agora se rompem todas as rígidas e hostis delimitações que a necessidade, a arbitrariedade ou a “moda impudente” estabeleceram entre os homens. Agora, graças ao evangelho da harmonia universal, cada qual se sente não só unificado, conciliado, fundido com o seu próximo, mas um só, como se o véu de Maia tivesse sido rasgado e, reduzido a tiras, esvoaçasse diante do uno primordial (NIETZSCHE, 1996, p. 31).

A experiência dionisiaca pressupõe a embriaguez, mas não apenas a embriaguez pelo vinho, e sim, acima de tudo, a embriaguez pela vida, pela natureza e pela expansão contínua da criatividade de cada singularidade, pois nessa experiência extática a limitada individualidade humana adquire o caráter divino em seu contato com a própria natureza, tão pródiga em suas dádivas destinadas aos seus rebentos. Para Nietzsche,

Cantando e dançando, manifesta-se o homem como membro de uma comunidade superior: ele desaprendeu a andar e a falar, e está a ponto de, dançando, sair voando pelos ares. De seus gestos fala o encantamento. Assim como agora os animais falam e a terra dá leite e mel, do interior do homem também soa algo de sobrenatural: ele se sente como um deus, ele próprio caminha agora tão extasiado e enlevado, como vira em sonho os deuses caminharem. O homem não é mais artista, tornou-se obra de arte: a força artística de toda a natureza, para a deliciosa satisfação do Uno-primordial, revela-se aqui sob o frêmito da embriaguez (NIETZSCHE, 1996, p. 31)²

A terra se nutre da matéria dos corpos devolvidos ao seu seio materno, acolhendo-os mais uma vez para que, em uma ocasião posterior, possam ser novamente desprendidos de seu núcleo unificador, proporcionando mais uma vez a instauração da configuração individual, até o momento em que a sua energia

² “Todas elas ornavam cuidadosamente / a fronte com coroas de folhas de hera / ou com belas flores silvestres; uma delas / bateu com o tirso numa rocha a fez jorrar / da mesma, num instante, um jato de água límpida; / outra, ferindo o chão com a sua varinha / viu esguichar da terra por obra do deus / uma fonte de vinho. As que sentiam falta / do alvo leite, esfregavam no solo os dedos / e o recolhiam de repente em abundância. / Do tirso recoberto de folhas de hera / pingava o mel mais doce. Ah! Meu senhor e rei! / Por que não estavas presente para ver o espetáculo? Gostarias sem dúvida de dirigir tu mesmo preces fervorosas ao deus que aqui blasfemas!” (EURÍPIDES, **As Bacantes**, vs. 922-937)

motriz venha a se dissipar. Nesse ciclo contínuo de nascimento e de morte habita a chama eterna da vida.

A INSURGÊNCIA DO ESPÍRITO DIONISIÁCO NA VIDA URBANA

A interpretação nietzschiana acerca da visão de mundo dionisiaca e os seus inerentes fundamentos imanentes de uma filosofia trágica, apesar da obtusidade acadêmica oitocentista e sua incapacidade de reconhecer a pertinência axiológica desse projeto de dissolução dos valores fundamentais de nossa ordem civilizacional (cristalizadora de um sistema normativo que faz da racionalidade ascética e do saber científico o suprassumo do conhecimento e não reconhece o poder da contingência no processo de constituição da vida), obteve justa repercussão na *intelligentsia* capaz de compreender a importância do pensamento nietzschiano para a crítica da consciência moderna. Muitos livros seriam necessários para o mapeamento de todas as influências exercidas por Nietzsche sobre a multiplicidade de pensadores das mais diversas orientações epistêmicas. Como tal tarefa seria impossível na presente circunstância, enfocaremos a partir de então de que maneira Michel Maffesoli problematiza a questão do dionisismo no estudo dos fenômenos societários modernos, demonstrando o quão somos herdeiros, simbolicamente, desse espírito efervescente dos gregos antigos, e de que maneira as estruturas normativas do poder vigente tanto perseveram para silenciar essas pulsões criativas:

Verifica-se um entrecruzamento das existências que, além ou apesar das ideologias individualistas, exprime-se com força, abalando sensivelmente barreiras e obstáculos de diversa natureza que se lhe antepõem. De algum modo, há uma pulsão do ser/estar com, empiricamente observável, que jamais perde uma oportunidade de se manifestar. Mesmo nos locais mais assépticos – lugares que a tecnoestrutura contemporânea engenhosamente criou, espaços concebidos para o exercício da gregária solidão – não podemos deixar de observar uma reapropriação coletiva que, de maneira efervescente ou de modo discreto, aí produz sulcos profundos. As reuniões esportivas, as manifestações musicais ou políticas, os ruídos e os rumores das ruas de nossas cidades, as ocasiões coletivas de toda espécie – tudo isso dá mais brilho e força a essa preeminência do todo (MAFFESOLI, 2010b, p. 112-113).

Abordaremos então a partir dos próximos tópicos alguns desses aspectos extáticos na vida urbana moderna, com a plena certeza de que muitos outros itens se associariam ao presente contexto argumentativo por conta das suas convergências axiológicas com a ética dionisíaca e que certamente merecem análises profundas em circunstâncias posteriores.

A RUA

A rua é o espaço público da circulação, exigindo da pessoa o seu inevitável processo de interação com o outro. A saída humana da “idiotia” ocorre quando a pessoa deixa o seu lar e coloca os pés na rua, abrindo-se existencialmente para uma série de possibilidades comunicacionais. Todas as relações afetivas, sociais, laborais e profissionais somente ocorrem por causa da participação humana na esfera pública de convivência. Conforme Maffesoli,

A rua, onde se desempenha a teatralidade social, predispõe à possível abertura, evoca a efervescência e uma vitalidade que nada parecer poder frear [...] As ruas nos quais se passe, com seu aspecto de movimento, são claramente a metáfora da impermanência da vida: tanto a dos indivíduos como a das sociedades (MAFFESOLI, 2001a, p. 92).

Assim como o deus Dionísio é um grande andarilho que vaga pelas cidades introduzindo seus cultos extáticos, assim também o homem urbano perambula muitas vezes pelas ruas sem um rumo definido, apenas caminhando a esmo pelo prazer estético de conhecer novos circuitos de sua própria cidade. Desse modo, a pessoa faz ressurgir em um ato imputado como banal a própria força dionisíaca desprovida de teleologia. Maffesoli considera que

A vida errante é uma vida de identidades múltiplas e às vezes contraditórias. Identidades plurais podendo conviver seja ao mesmo tempo seja, ao contrário, sucessivamente. Alguma coisa oscilante entre a “a mesmice de si e a alteridade de si” (MAFFESOLI, 2001a, p. 118).

Caminhar de modo aleatório pelas ruas representa a dissolução do espírito produtivista do capitalismo, que requer de cada sujeito dedicação plena aos preceitos laborais e sua inerente otimização do tempo disponível. O espírito

dionisíaco que revive no coração do homem moderno que anda despreocupadamente pelas ruas é um golpe preciso no dispositivo puritano, ascético e moralista que legitima o capitalismo como uma religião avassaladora da vitalidade dos seus devotos. Falta ao homem moderno compreender o poder divino do Tempo, livre das determinações burocráticas da vida administrada e sua regulação cronológica neurastênica.

O renascimento do *Aion*, o Tempo do instante mágico, o Tempo enquanto experiência criativa, o Tempo dionisíaco, funda uma maneira diferente de a pessoa compreender sua relação cotidiana com a estrutura social, integrando-se assim ao ciclo vital de renovação constante de todas as coisas da natureza, sem medo, sem culpa, inocentemente, tal como a sabedoria trágica de Heráclito de Éfeso sentenciou: “O Tempo é criança jogando, brincando. Reinado de criança” (Fragmento DK 52). A pretensão totalitária do discurso científico imbuído da disposição tecnocrática quebra a conexão do homem com a natureza e sua paradoxal contingência necessária, pois surge de um projeto megalomaniaco de corrigir a ordem natural da vida em nome da satisfação individualista pela conservação vulgar da existência. Toda a obra civilizatória humana sucumbe perante os poderes incondicionais do mundo natural; a consciência trágica acorda de seu sono dogmático quando reconhece essa situação e, ao invés de amaldiçoar a realidade, ama-a e diviniza-a de todas as maneiras. Maffesoli salienta que:

O ciclo orgânico da vida e da morte, da ordem e da desordem, em suma, a temática do trágico está aí para nos lembrar, no momento oportuno, que a limitação é também uma maneira de encarar o aspecto natural da cultura (MAFFESOLI, 2004, p. 69).

A imanência dionisíaca, na sua irreverente luta contra o grande Moloch do Capital, nos ajuda a vencermos o processo de alienação existencial promovido pela dedicação incondicional do sujeito aos ditames do trabalho desprovido de alegria, autorrealização, e genuína significação existencial. Para Maffesoli,

A estetização da existência, a arte que se capilariza no conjunto da vida cotidiana, a ênfase no qualitativo, na recusa da exploração produtivista, a rebelião contra a devastação dos espíritos, eis o que a figura emblemática de Dionísio sintetiza (MAFFESOLI, 2010a, p. 31).

Outra expressão similar do vagar sem destino pelas ruas da cidade ocorre quando a pessoa, por distração ou imperícia do condutor do veículo coletivo, salta em um ponto muito distante do originalmente almejado e nem por isso se irrita com tal acidente, mas antes a vivencia na sua máxima intensidade e explora esse caráter insólito. Talvez seja o espírito dionisíaco presente no âmago do homem urbano que o faça se abrir para essa nova experiência cidadina, desbravando locais até então desconhecidos ou parcamente visitados. Com efeito, tantas pressões profissionais que impedem o dispêndio do tempo livre em ações ociosas geram a angústia pela impossibilidade do homem moderno viver por alguns instantes a sensação de estar perdido nas ruas da cidade e se alegrar por tal situação sem que se desespere por isso. Maffesoli argumenta que

A cidade, em sua banalidade, é potencialmente rica em aventuras produzidas por suas inumeráveis ruas e lugares diversos, assim como o dado social, em seu aspecto mais comum, através do jogo da diferença, pode provocar situações, encontros e momentos particularmente intensos. Ao contrário dos prazeres exteriores sempre reformistas, é isso que permite compreender que o cotidiano mais banal seja o cadinho da permanência da socialidade (MAFFESOLI, 1984, p. 27).

Mesmo quando a pessoa circula pela cidade com um propósito previamente estabelecido, a contingência é a condição soberana sobre sua vida, pois acidentes podem ocorrer e assim suprimir os objetivos originais. Talvez pensando nessas ocasiões os homens piedosos dedicassem aos seres divinos oferendas para que tornassem propícias as viagens dos andarilhos, protegendo-os de todos os males. Incapaz de conhecer o futuro, o ser humano se submete ao crivo da contingência existencial, onde cada ínfimo detalhe interfere na construção do porvir. Segundo Maffesoli,

O homem em busca da descoberta de sua alma não se detém diante de determinadas certezas estabelecidas. Ao contrário, está sempre sob tensão: na procura de um objetivo provisório que, uma vez atingido, nunca o satisfaz plenamente, e não passa de uma etapa num processo sem fim cuja meta se dissipa constantemente (MAFFESOLI, 2001a, p. 112).

Os grandes centros urbanos sofrem com o problema crônico dos congestionamentos diários no trânsito, circunstância que, muitas vezes, torna inviável circular em veículo particular pela cidade em decorrência da extensão de tempo que se consome nessas ocasiões desagradáveis. Como os transportes públicos deixam a desejar para a população dela dependente para realizar suas atividades cotidianas, talvez o mais conveniente seja o ato de andar a pé pela cidade ou ainda de bicicleta, pois assim a pessoa exercita seu corpo de modo a aprimorar sua saúde e desenvolve o senso de autonomia existencial, por não depender da automação técnica para ir e vir pelas ruas da cidade. O êxtase de andar pelas vias da cidade gera um extravagante desejo de gritar loucamente a plenos pulmões o amor sagrado pela grande selva de pedra. Maffesoli afirma que

Depois da tristeza da uniformidade, que foi a consequência da prevalência da racionalidade mecânica, da primazia do trabalho, em resumo, da ordem do sério, a cidade é certamente o lugar onde se deixa ver a expressão imaginal mais desenfreada. Tudo contribui para isso. Multiplicidade das vestimentas, profusão das mensagens publicitárias, colcha de retalhos das construções arquiteturais. A vida urbana é mesmo a das aparências [...] A cidade é sensível, e é enquanto tal que é essencialmente relacional. Seus lugares de encontro, suas sensações, seus odores, seus ruídos são constitutivos dessa teatralidade cotidiana que faz dela, no sentido forte do termo, um objeto animado, uma materialidade dotada de vida (MAFFESOLI, 2005a, p. 159; p. 277-278).

Tantos estímulos sensoriais despertam na consciência do homem urbano o espírito dionisíaco recalcado por um modelo civilizacional que exige racionalidade incondicional e senso técnico para a manutenção da ordem silenciosa. Uma vida regida apenas pela seriedade e pela rigidez aos parâmetros estabelecidos é fadada ao declínio.

AS PAIXÕES COLETIVAS DOS ESPORTES

Toda grande civilização reconhecida por suas descobertas científicas, inovações técnicas, criações artísticas ou mesmo disposições militares, manifesta uma parte de seu elã vital na prática dos jogos, o elemento lúdico da existencial cultural que evidencia a supressão momentânea da densidade e rigidez da vida

concreta e suas obrigações inapeláveis. Ao representar simbolicamente o fundamento agônico da natureza e de toda condição vital, a prática do jogo desperta no praticante a consciência de que todas as modificações da realidade não passam de uma grande brincadeira cósmica e, desse modo, nada melhor do que deixar o metabolismo corporal interagir com essa onda lúdica extra-moral. Talvez a prática das competições esportivas, inconscientemente, vise substituir a participação das pessoas em guerras sanguinárias, de forma que pelos jogos possam canalizar os impulsos belicosos em eventos competitivos, saudáveis e alegres, nos quais todos se beneficiam concretamente. Maffesoli argumenta que

O jogo, nas suas diversas manifestações, não é nem virtuoso nem pecador, é a expressão bruta ou refinada de um querer viver fundamental, de um fluxo vital que não deve nada à ética ou à lógica (MAFFESOLI, 2005b, p. 47-48).

Dentre tantos esportes que agregam multidões para os estádios, talvez o futebol seja aquele mais sedutor de todos os demais. Paixão nacional conforme apregoado pela ideologia brasileira e reforçado pela mídia espetacular, o futebol progressivamente emancipou-se de seu caráter elitista e branqueado para se tornar a expressão das aspirações coletivas do povo brasileiro, promovendo uma suposta integração cultural entre os diversos grupos étnicos que habitam o país. A política do futebol no Brasil foi um dos elementos fundamentais para o projeto de integração nacional, falho em suas disposições tecnológicas. Independentemente dos efeitos narcóticos proporcionados pelas emoções do futebol na consciência dos torcedores, levando-o a se desligar dos problemas políticos concretos e de sua própria existência precária, podemos identificar elementos dionisíacos nas vivências coletivas proporcionadas ao se assistir as partidas nos estádios, sem a dependência dos simulacros jornalísticos e as falácias publicitárias que vendem a ideia de que as maiores emoções estão reservadas para quem assiste ao jogo no sofá de sua casa. Maffesoli argumenta que

Em cada um desses fenômenos há uma espécie de participação mágica no estranho, na estranheza, na globalidade que supera a particularidade individual. Globalidade que é da ordem do sagrado, com a qual cada um comunga (MAFFESOLI, 2003, p. 35).

Assistir ao jogo presencialmente é uma experiência inigualável, e todo o conforto do lar é incapaz de promover essa emoção do compartilhamento interpessoal pelo time querido. Quando o torcedor se mistura com a grande coletividade reunida no estádio, sua individualidade é como que suspensa provisoriamente, fundindo-se ao grande coro de apaixonados pela agremiação ou pela seleção nacional. Para Maffesoli,

Participar em conjunto de uma cinestesia comum; saber que uma misteriosa correspondência nos une uns aos outros; compreender que é isto que faz a força e permite a perduração do corpo social – eis alguns elementos que, à exceção de apreciações normativas ou programáticas, devem permitir avaliar-se judiciosamente o que se chama orgasmo social (MAFFESOLI, 1985, p. 154).

Nas efêmeras horas de convivência multitudinária, o torcedor se identifica com aquele grande todo que é a comunidade de devotos do seu clube, inclusive perdendo o controle racional sobre os seus afetos, fato que modifica suas percepções dos acontecimentos. Envolvido pelo grande corpo coletivo da torcida que canta e grita, o espectador se sente como que pertencente ao núcleo unívoco da vida, perfazendo assim uma experiência religiosa, mística, nesse período de tempo, regida pelo êxtase dionisíaco. Ações que um pacato cidadão raramente realizaria em sua frágil individualidade ele efetiva sem pestanejar no grande envoltório multitudinário. A vergonha e a timidez são suprimidas, e a pessoa realiza uma catarse existencial psicologicamente libertadora do seu amálgama de afetos. Segundo Maffesoli,

Estar-se junto permite tocar-se. Todos os prazeres são prazeres de multidão ou de grupo. E não se pode compreender essa estranha compulsão de amontoar-se, a não ser que se tenha em mente essa constante antropológica (MAFFESOLI, 2010c, p. 134).

A apropriação política, econômica e ideológica do futebol pelas grandes corporações midiáticas e empresariais, assim como pelas castas politiqueiras demagógicas, transformaram as bases dionisíacas do futebol, submetendo-o ao crivo da racionalização tecnocrática. O futebol cada vez mais se converte em um grande capital social, simbólico e acima de tudo econômico da civilização

espetacular, em que as decisões esportivas são respondidas pelos mandatários que somente visam o lucro incondicional pela exploração da marca dos clubes e pouco se importam com a beleza das disputas. Muitas camadas do povo foram alheadas do futebol e em seu lugar infiltrou-se uma malta de reacionários fascistas que se agregaram em torno das torcidas organizadas, moléstia grotesca que infesta o mundo esportivo. Jogadores/atletas perderam a espontaneidade esportiva em nome de complexos sistemas táticos que se fundamentam no pragmatismo grosseiro de obtenção da vitória no jogo a todo custo, em prol da satisfação dos interesses dos megainvestidores que jamais podem associar seus nomes aos derrotados no capitalismo esportivo.

O CARNAVAL

As celebrações carnavalescas enraízam-se em tradições culturais de priscas eras, tornando-se praticamente inviável precisarmos em qual civilização ocorreram as primeiras manifestações dessas festividades que criavam a confluência entre o sagrado e o profano. Após a hegemonia da moral cristã, o Carnaval adquiriu um sentido ainda mais ambivalente no imaginário social, pois servia como uma catarse coletiva na qual os indivíduos saciavam seus apetites libidinais sem maiores coerções do Estado para que após tais festividades entrassem em regime de abstinência na Quaresma. As hierarquias sociais eram dissolvidas e a vida em seus aspectos mais terrenos era celebrada entusiasticamente. A cultura brasileira herdou as festividades carnavalescas através dos colonos portugueses, mas ressignificou os símbolos dessa celebração mediante a mescla dos elementos indígenas e negros, circunstância que evidencia a idiossincrasia de nosso Carnaval perante todas as comemorações afins pelo resto do mundo. No Carnaval vemos simbolicamente a rigidez apolínea do Estado e seus costumes sóbrios ser dissolvida provisoriamente pela erupção dionisíaca subversiva, assim como a suspensão momentânea do ascetismo que fundamenta o nosso sistema civilizacional. Maffesoli considera que

A figura de Dionísio é, talvez, o “mito encarnado” contemporâneo, isto é, a figura que garante a cristalização de uma multiplicidade de práticas e fenômenos sociais que, sem isso, seriam

incompreensíveis. E essa figura emblemática é, essencialmente, estética, o que quer dizer que favorece e conforta as emoções e as vibrações comuns. Saber dionisíaco é aquele que reconhece essa ambiência emocional, descreve seus contornos, participando, assim, de uma hermenêutica social que desperta em cada um de nós o sentido que ficou sedimentado na memória coletiva (MAFFESOLI, 1998, p. 193).

Na história social dos carnavais, há documentações dos frequentes excessos da parte dos celebrantes, e tais ações eram imputadas como prejudiciais pelas autoridades, que iniciaram um projeto normativo de regulação para as atividades carnavalescas, em nome da manutenção da ordem pública. A alegria carnavalesca da multidão festiva legitima o erotismo supressor da pudicícia insípida da vida cotidiana, evidenciando que os excessos são imprescindíveis para a preservação da saúde existencial da sociedade. Segundo Maffesoli,

É assim que a festa dionisíaca permite esta mistura de palavras e situações que exprime, em tom maior, o cotidiano desejo de “ser/estar junto”. É o que, todos os dias, vemos acontecer em lugares públicos, em bares e botequins, em supermercados, nas praças e, enfim, nos espaços de deambulação existencial; é o espetáculo cintilante que constitui o elemento essencial da vida social – e que se cristaliza, num dado momento, para reafirmar, vigorosamente, que forma o substrato básico de toda sociedade (MAFFESOLI, 1985, p. 112).

A criação dos desfiles carnavalescos foi uma tentativa bem sucedida das autoridades governamentais brasileiras controlarem disciplinarmente essas disposições efusivas dos foliões, mas, no início, o povo não estava ainda totalmente afastado da efervescência báquica dessas festas. A partir do momento em que se iniciou a comercialização dos ingressos, a festa carnavalesca tornou-se um evento destinado para o consumo de turistas abastados e da elite economicamente viável; para o povo pobre, apenas os lugares mais afastados do Sambódromo. Outro elemento que evidencia a decadência do espírito carnavalesco tradicional reside na rigidez do controle de tempo dos desfiles, matando a espontaneidade dos participantes, não obstante seus sorrisos para o público e para as câmeras, pois os músculos dos corpos estão tensos pela pressão psicológica dos minutos que avançam. Mais uma vez o dispositivo capitalista colonizou o espírito efusivo do

dionisismo carnavalesco, pois a alegria libertária da festa passa a ser regulada pelos limites cronológicos. O Carnaval foi também emasculado de sua sensualidade extra-moral, pois a nudez é condição indispensável de sua semiologia e de sua ética, uma vez que as roupas representam os parâmetros normativos da moda e de toda distinção social. Paradoxalmente, a mídia corporativa coíbe nos desfiles televisionados a presença ostensiva de corpos nus, não obstante incentivar a lascívia dos espectadores pela apresentação sensual de mulheres convertidas em objeto fetichista de adoração sexual. Uma autêntica subversão dos costumes puritanos vigentes no cotidiano social exige a nudez autônoma dos celebrantes carnavalescos, chocando os olhares pudicos da mediocridade estabelecida, pois assim a própria experiência da nudez seria naturalizada, sem a perpetuação do apelo pornográfico que se constrói mediante a ocultação das genitálias, circunstância que apenas reforça a insatisfação sexual das massas, incapacitada de realizar seus desejos lúbricos mais intensos.

AS MANIFESTAÇÕES POLITICAS

Podemos considerar que todas as mobilizações políticas multitudinárias regidas pelo amor pela liberdade apresentam convergências com o espírito dionisíaco, pois os manifestantes das mais diversas condições sociais estão imbuídos de um senso coletivo que rompe qualquer distinção de classe, e agem contra a força repressiva do Estado como irmãos formadores de um grande corpo coletivo. Os antigos celebrantes dionisíacos encontravam resistência da ordem religiosa apolínea e sua intransigente prédica ética da moderação e da manutenção incondicional da individuação. Os multitudinários urbanos da política moderna lutam contra as disposições reacionárias dos detentores monolíticos do poder, avessos a quaisquer transformações radicais nas estruturas sociais e em suas interfaces culturais, econômicas, educacionais e laborais. O Estado conservador sofre de um medo visceral perante as grandes mobilizações populares, pois sabe que há um fundamento ubíquo de energia criadora presente nessa força contra-hegemônica que floresce corajosamente em contraponto a todo arbítrio normativo. São erupções báquicas que destroem toda a artificialidade de uma civilização repressiva. Para Maffesoli,

O que torna as multidões contemporâneas misteriosas e, sob muitos aspectos, anômicas, é que elas são inalcançáveis. Estão sempre em caminho rumo a alguma coisa que o funcionalismo econômico tem dificuldade de dominar (MAFFESOLI, 2001a, p. 171).

Assim como o incauto Penteu, mantenedor da ordem política olímpica em Tebas, por sua arrogância perante o poder divino de Dionísio forasteiro foi destruído pelo poder avassalador das Bacantes, assim também nossa atual configuração política do Estado Plutocrático corre permanente risco de destruição moral e mesmo concreta, caso não aceite a presença dessa vitalidade soberana existente nas multidões que se agregam nos momentos de comoção social decorrente da incapacidade dos governantes obtusos ouvirem os clamores populares mediante tantos casos de espoliação da vida social. A corrupção crônica praticada pela elite política brasileira e a má gestão governamental preparam o palco para a insurgência dos novos dionisíacos que exercerão sua soberania anárquica nas ruas. Maffesoli argumenta que

O retorno da natureza ao proscênio social não é pacífico, bom que se compreenda isso. Todavia, o fato de essa crueldade se integrar a um processo ritualizado contribui para torná-la, talvez, menos ofensiva. É, em todo caso, a aposta que podemos fazer. Seja como for, em polo oposto ao deste mundo asséptico, imobilizado e mortificado, cujos alicerces são o controle de si (mecanismos educacionais) e o domínio do universo (exploração da natureza), vemos despontar um mundo bem mais complexo, embasando-se no aleatório (o modelo estocástico) que, de modo orgânico, integra uma porção de morte (MAFFESOLI, 2010b, p. 153-154).

Quanto mais o Estado normativo agride através de suas extensões policiais a multidão revoltada nas ruas, mais o fervor dionisíaco latente nas mesmas se insurge contra essa tirania estúpida, fundamentada no monopólio do uso da força, mas que é incapaz de encontrar verdadeira legitimidade moral perante a sociedade esclarecida que não anseia pela ordem neurótica, mas sim por liberdade de expressão e qualidade de vida mediante a quebra radical de um projeto civilizatório incapaz de proporcionar autorrealização existencial; para tanto, é indispensável que a atual conjuntura política seja radicalmente transformada,

extinguindo-se as castas políticas tradicionais incrustadas no poder por todos os meios necessários para tanto. Conforme Maffesoli,

O Estado não é mais esse regulador benevolente que favorece o equilíbrio de grupos antagônicos; ele não tem mais essa função puramente simbólica que preserva, para além das diferenças, as tendências unificadoras de um povo. Ele se torna a passagem obrigatória de iniciativas pessoais que, por sua vez, vão logo ser negadas enquanto tais (MAFFESOLI, 2001b, p. 259).

Quando um político corrupto é defenestrado e trucidado pela multidão indignada, tal episódio não deve ser de modo algum lamentado pelo observador, pois aconteceu a consequência plausível na vida de um indivíduo incapaz de legislar em nome do bem coletivo. De um modo geral, as pessoas singularizadas temem rechaçar a autoridade artificial dos governantes em decorrência dos restos teológicos da soberania divina que infestam a práxis política, mas, dissolvida essa barreira imaginária, a proteção simbólica que reveste a casta governamental desaparece, e assim as forças multitudinárias derrubam os altares tirânicos do poder estabelecido. O fogo divino purificador que emana dos artefatos multitudinários destrói toda escória política e recria uma nova conjugação social, mais viva, mais humana, mais alegre. As classes sociais reacionárias vilipendiam as ações báquicas da multidão por temer perder seus privilégios conquistados através da espoliação do povo trabalhador por séculos e séculos, e não compreende que elas mesmas são as responsáveis pela cisão social, pois jamais se engajam politicamente pela supressão da violência totalitária contra os pobres, os excluídos sociais, os marginais. Contudo, ninguém está a salvo da violência desmedida que irrompe nas ruas da cidade quando a tensão política atinge níveis insuportáveis. Quando prédios, palácios e sedes governamentais tornam-se alvo da ação avassaladora das multidões dionisíacas em armas, tais acontecimentos não se enquadram na categoria da mera destrutividade reativa, mas da criatividade dionisíaca, pois é a partir da demolição desses símbolos da opressão soberana que a nova ordem política fundamentada na pluralidade democrática poderá enfim se erguer. Maffesoli exclama:

Humano, húmus! Assim como o húmus é composto de elementos bastante diversos que, pela negação de suas particularidades, ou

vol. 4, num. 11, 2014

seja, pela decomposição, constituem um substrato nutritivo, o humano implica o relacionamento, a religião das coisas (sentido, cultura, modos de viver) mais diversos, espécie de morte de si permitindo nascer o outro (MAFFESOLI, 2005c, p. 169-170).

A instauração da política dionisíaca expressa a imanência da força plástica nela contida, pois seu poder não é chancelado por categorias transcendentais, e a alegria decorrente do encontro de pluralidades é sua tônica capital. Por mais que a ordem normativa lute pela sua perseverança perante todas as ameaças que lhe espreitam, as forças dionisíacas se renovam constantemente em seu projeto existencial de revolução vital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As insurgências dionisíacas não foram eventos sagrados circunscritos apenas no antigo mundo grego. Se porventura não constatamos mais a existência de rituais tais como os praticados pelos seguidores de Dionísio, percebemos, todavia, a perpetuação desse espírito efusivo em algumas das configurações sociais e culturais da humanidade moderna. Por conseguinte, a potência dionisíaca permanece incólume em cada pessoa capaz de amar a vida intensamente e se alegrar pelo contato festivo com a figura do outro. Os poderes estabelecidos continuamente não poupam esforços em reprimir violentamente todas essas manifestações libertárias, fato que evidencia sua necrofilia latente, amor pela morte como signo de repressão, silêncio, paralisia da criatividade. Mas a força ubíqua do dionisismo renascido no mundo moderno não pode ser represada pela coerção totalitária do Estado Plutocrático e seus tentáculos policiaiscos, grotesca expressão da podridão política que transforma todas as formas de vida em marionetes de seu arbítrio. Quando o nível de controle coercitivo atinge um patamar insuportável sobre as disposições multitudinárias, a violência dionisíaca, violência criadora, explode no seio da cidade e incendeia toda ordem estabelecida. Eis o espírito trágico na política, trazendo apreensão aos tiranos e esperança aos oprimidos, graças ao poder de Dionísio Libertador.

REFERÊNCIAS

BALANDIER, Georges. *A Desordem: elogio do movimento*. Trad. de Suzana Martins. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

EURÍPIDES. *As Bacantes*. Trad. de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Ed. 70, 1998.

HERÁCLITO. “Fragmentos”. In: Vol. *Pré-Socráticos*, Col. “Os Pensadores”. Trad. de José Cavalcante de Souza. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

MAFFESOLI, Michel. *Apocalipse: opinião pública e opinião publicada*. Trad. de Andrei Neto e Antoine Dollinger. Porto Alegre: Sulina, 2010a.

_____. *Sobre o Nomadismo: vagabundagens pós-modernas*. Trad. de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2001a.

_____. *A Conquista do Presente*. Trad. de Márcia C. de Sá Cavalcante. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.

_____. *O Conhecimento Comum: introdução à sociologia compreensiva*. Trad. de Aluizio R. Trinta. Porto Alegre: Sulina, 2010b.

_____. *Elogio da Razão Sensível*. Trad. de Albert Christophe Migueis Stuckenbruck. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. *No fundo das aparências*. Trad. de Bertha Halpern Grovitz. Petrópolis: Vozes, 2005a.

_____. *O instante eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. Trad. de Rogério de Almeida e Alexandre Dias. São Paulo: Zouk, 2003.

_____. *A Sombra de Dionísio: contribuição a uma sociologia da orgia*. Trad. de Aluizio R. Trinta. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. *O Mistério da Conjunção: ensaios sobre comunicação, corpo e socialidade*. Trad. de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005b.

_____. *A parte do Diabo: resumo da subversão pós-moderna*. Trad. de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. *O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Trad. de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010c.

_____. *A Transfiguração do Político: a tribalização do mundo*. Trad. de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005c.

_____. *A violência totalitária: ensaio de antropologia política*. Trad. de Nathanael C. Caixeiro. Porto Alegre: Sulina, 2001b.

NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da Tragédia ou helenismo e pessimismo*. Trad. de J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.